

## EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA

Gabriela Silva Santos <sup>1</sup>

### RESUMO

A educação emocional é necessária para o processo de empoderamento de crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar como o conhecimento das emoções primárias e técnicas de enfrentamento contribui para o processo de empoderamento das crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O estudo foi realizado através de pesquisa qualitativa com investigação de campo e o instrumento utilizado para a produção de dados foi a observação participante. Os sujeitos da pesquisa foram quatorze crianças com idade entre sete e onze anos e o campo de estudo foi a Associação Casinha da Criança Menino Jesus, no município de Una, no estado da Bahia. Após a análise desses dados chega-se à conclusão que à medida que as crianças identificam as emoções e as suas mutações, se posicionam assertivamente diante das adversidades da vida e se conscientizam da realidade e das injustiças que são submetidas, sendo favorecido o empoderamento individual e o coletivo, de modo que identificam e se unem aos indivíduos que sofrem circunstâncias semelhantes, ganhando voz e reivindicando ao Estado os direitos que lhes foram negados.

**Palavras-chave:** Educação emocional, Vulnerabilidade social, Inteligência emocional, Empoderamento, Crianças.

### INTRODUÇÃO

A história da sociedade brasileira é marcada pela desigualdade social. Essa circunstância implica na negativa de direitos básicos a muitos cidadãos, os quais são impelidos a viver à margem da sociedade e em situação de vulnerabilidade.

Ao termo “vulnerabilidade” podem ser atribuídos diversos significados e alguns autores se ocuparam dessa conceituação na seara da desigualdade social. O conceito eleito para embasar o presente estudo assegura que:

A vulnerabilidade social deve ser entendida como a ausência, por parte de indivíduos, grupo ou famílias, de ativos capazes de enfrentar determinados riscos, ou seja, ativos que lhes dariam maior controle sobre as forças que afetam seu bem-estar, que lhes permitisse maior aproveitamento das oportunidades. Seriam esses ativos, físicos, humanos e sociais”. (KAZTMAN, 1999, citado por CANÇADO; SOUZA; CARDOSO, 2014, p. 8).

Significa dizer que a compreensão do termo não é possível, apenas, a partir da quantificação de oportunidades negadas aos sujeitos. Deve contemplar também a análise da

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, gabriielast@gmail.com

possibilidade de mobilidade social, ou seja, há aspectos “físicos, humanos e sociais” (KAZTMAN, 1999, citado por CANÇADO; SOUZA; CARDOSO, 2014, p. 8), em diversas áreas da vida, que compõem essa condição e dificultam o acesso a ações do Estado que implicaria na melhoria de vida.

Assim, os grupos sociais vulneráveis são expostos a diversos fatores de risco, sendo o fator socioeconômico de alto risco:

Um dos fatores de risco para o desenvolvimento psicológico e social é o baixo nível socioeconômico. Em famílias pobres, operam como fatores de alto risco, além do baixo nível socioeconômico, a remuneração parental, baixa escolaridade, famílias numerosas e ausência de um dos pais. (JANCZURA, 2012, p. 303)

Essa realidade é vivenciada por diversas crianças e adolescentes. Segundo o IMDS (2020), no ano de 2020, cerca de 40% dos indivíduos em situação de pobreza e extrema pobreza são crianças e adolescentes e, conforme já relatado, esse fator pode afetar o desenvolvimento psicológico e social.

Nesse contexto, o desenvolvimento da inteligência emocional é crucial para a formação humana. Goleman (2011, p. 73) elenca cinco aptidões necessárias para o bom desenvolvimento: conhecer as próprias emoções, lidar com as emoções, motivar-se, reconhecer emoções nos outros e lidar com relacionamentos.

Apesar de não haver consenso de quais sejam as emoções básicas, ponto de partida para a compreensão e controle das emoções, “a maioria dos autores costuma citar as seguintes ou alguma variação delas: alegria, medo, (...) tristeza, nojo e raiva” (MIGUEL, 2015, p. 156) e conhecer e aprender a melhor maneira de lidar com elas afetam diretamente a maneira como a pessoa lida consigo mesma e com o mundo ao redor.

Assim, a educação emocional se propõe a orientar os indivíduos, especialmente crianças, a nomear as emoções e agir da melhor maneira possível diante das adversidades cotidianas “de maneira que as mesmas contribuam para uma interação social e pessoal construtiva, positiva, capaz de contribuir para a elevação da sua qualidade de vida” (RETANA, 2012, p. 18-19, citado por POSSEBON; POSSEBON, 2020, p. 165).

Logo, desenvolver competências emocionais na infância é uma tarefa desafiadora e se apresenta como importante na constituição do sujeito, seja incluída no currículo formal da escola ou em outros contextos, além de contribuir para o processo de empoderamento desses sujeitos.

Há diferentes maneiras de enxergar o empoderamento. O conceito que melhor se alinha à proposta do presente é o “processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora



gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social)” (GOHN, 2004, p. 23).

Deste modo, é evidente que não ocorre na individualidade apenas e sim de maneira coletiva, sendo “um processo desenvolvido com a comunidade, com cooperação e solidariedade. Ao levar em conta o processo histórico que cria a falta de poder, torna-se evidente a necessidade de alterar as estruturas sociais atuais; isto é, reconhecer o imperativo da mudança” (LÉON, 2001, p. 97, citado por BERTH, 2019, 36).

Considerando que as práticas coletivas contribuem para o empoderamento de indivíduos, sobretudo aos que se encontram em situação de vulnerabilidade social e que a educação emocional se apresenta como ferramenta importante para o bom desenvolvimento humano, a vivência sadia das emoções entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social através de uma Associação pode possibilitar o avanço no processo de empoderamento desses indivíduos.

Ante tais aspectos, se pretende responder ao questionamento de como a educação emocional influencia no processo de empoderamento das crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica da Associação Casinha da Criança Menino Jesus, no município de Una, no estado da Bahia.

A discussão é relevante, considerando que essas crianças estão inseridas em um contexto que não favorece o acolhimento, a escuta e a validação dos sentimentos, pressupostos indispensáveis para o desenvolvimento sadio da criança e a formação de um adulto seguro das suas emoções e que se posiciona de maneira assertiva diante delas.

O interesse pelo debate acerca do tema se originou a partir de atividades prévias desenvolvidas com essas crianças, oportunidades em que foi possível observar suas dificuldades de comunicação e de enfrentamento das adversidades cotidianas, apresentando comportamentos disfuncionais na relação consigo mesmas e com seus professores, amigos e familiares.

Para o desenvolvimento da temática foi estabelecido como objetivo geral analisar como o conhecimento das emoções primárias, com ênfase na tristeza, alegria, raiva, e técnicas de enfrentamento contribuem para o processo de empoderamento das crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica e como objetivos específicos relatar previamente a percepção das crianças acerca das emoções primárias; conhecer quais emoções se apresentam em maior quantidade nas crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica; compreender o contexto que motivou as crianças a frequentarem a Associação e como o projeto de educação emocional contribuiu para o empoderamento dessas crianças.



Frente a isto, o estudo será realizado por meio de pesquisa qualitativa com investigação de campo. O instrumento utilizado para a produção de dados foi a observação participante. Os sujeitos foram quatorze crianças com idade entre sete e onze anos. O campo de estudo foi a Associação Casinha da Criança Menino Jesus que atualmente atende o total de cinquenta e três crianças e adolescentes com idade entre sete e quatorze anos e oferece suporte educativo em turno oposto ao que frequentam a escola.

Com o estudo foi possível constatar que à medida que as crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica entendem e sabem identificar as mudanças das emoções, ou seja, compreendem que a vida é formada por diversos momentos que dão origem a emoções diversas e é necessário se posicionar assertivamente diante das circunstâncias, surge a esperança de mudança do contexto de injustiças que estão submetidas e, com isso, é favorecido o processo de empoderamento.

Assim, o projeto de educação emocional oferece ferramentas de apoio para que os indivíduos a fim de que, uma vez conscientes da realidade, desenvolvam a criticidade, tenham voz e se mobilizem para reivindicar direitos para melhoria da própria qualidade de vida e de todo o grupo com o qual se identificam enquanto indivíduos em situação de vulnerabilidade.

## **METODOLOGIA**

O modelo teórico metodológico adotado nesta pesquisa foi de natureza qualitativa com investigação de campo e, nas palavras de Neves (1996), “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Minayo (2004, p. 57) alega que “o método qualitativo é que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, como constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

Nesse sentido, “o trabalho de campo constitui-se uma etapa essencial da pesquisa qualitativa, que a rigor não poderia ser pensada sem ele” (MINAYO, 2004, p. 202) e uma das ferramentas utilizadas foi a entrevista narrativa que “revela-se um importante instrumento para se realizar investigações qualitativas, dispondo para os pesquisadores dados capazes de produzir conhecimento científico compromissado com a apreensão fidedigna dos relatos e a originalidade dos dados apresentados” (MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 198).



Em razão disso, esse método se apresentou o mais adequado à presente pesquisa, posto que objetiva compreender o processo de empoderamento de crianças em situação de vulnerabilidade econômica frente o contato com a educação emocional a partir da observação de relatos pessoais dos sujeitos envolvidos.

O campo de estudo foi a Associação Casinha da Criança Menino Jesus, no município de Una, estado da Bahia, entre os meses de maio e junho do ano de dois mil e vinte e dois, com quatorze crianças com idade entre sete e onze anos.

Houve autorização para participação e divulgação do presente estudo, respeitada a identidade de todos os participantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A vulnerabilidade social expõe os indivíduos a diversos fatores de risco, principalmente no que corresponde ao fator socioeconômico que prejudica o desenvolvimento psicológico e social.

Além da baixa remuneração, essa conjuntura é marcada pelo abandono paterno, baixa escolaridade, família numerosa e até mesmo diversos tipos de violência. Esse cenário frustra o processo de adquirir habilidades socioemocionais e, por essa razão, a educação emocional ocupa um papel tão importante na formação de crianças.

Conhecer as emoções e se posicionar de maneira assertiva diante do surgimento delas, principalmente no que diz respeito às emoções básicas, podendo ser consideradas a “alegria, medo, (...) tristeza, nojo e raiva” (MIGUEL, 2015, p. 156), impulsiona o grupo, substancialmente formado por vulneráveis, a ingressarem no processo de empoderamento e essa “construção une a saúde mental à ajuda mútua e luta para criar uma resposta comunitária”, ou seja, a comunidade adquire autonomia na coletividade (BATLIWALA, 2017, citado por BERTH, 2019, 24).

Na tentativa de encontrar caminhos para contribuir na luta de grupos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, com ênfase em crianças e adolescentes, foram aplicados instrumentos de pesquisa com vistas a discutir o efeito do compreensão das emoções primárias e de técnicas de enfrentamento no processo de empoderamento das crianças da Associação Casinha da Criança Menino Jesus, no município de Una, estado da Bahia.

As crianças e adolescentes da Associação possuem baixo nível socioeconômico e, como é corriqueiro nesse contexto, segundo relatos das próprias crianças, adolescentes, professores e demais funcionários, vivenciam problemas diversos como abandono paterno, violência

doméstica, abuso físico, psicológico e sexual, comprometimento aparente do desenvolvimento escolar e carecem de itens básicos como moradia segura, alimentação, vestuário e itens de higiene.

Para tanto, foi desenvolvido um projeto intitulado “Habilidade para a vida”, entre os meses de maio e junho de 2022, com 23 crianças de idade entre 7 e 14 anos. Foram divididos em dois grupos e o trabalho ocorreu em horários diversos, devido a diferença de faixa etária. O grupo “A” foi formado por 14 crianças de 7 a 11 anos e o grupo “B” foi formado por 9 adolescentes de 12 a 14 anos.

O presente trabalho, devido à sua extensão limitada, se ocupa apenas do relato de quatro encontros do grupo “A”, tendo sido explorada as seguintes emoções: alegria, tristeza e raiva.

O primeiro encontro consistiu no desenvolvimento de uma dinâmica de apresentação para estimular a avaliação positiva entre os participantes e na transmissão do filme “Divertida Mente”. Durante o filme algumas provocações foram realizadas pelos mediadores, com o objetivo de estimular a atenção dos participantes, os quais por si só manifestaram bastante interesse pela trama e suas personagens.

No segundo encontro foram retomadas as ideias do filme e as crianças puderam se expressar livremente sobre as percepções que obtiveram. Assim, foi possível conhecer as ideias dos envolvidos acerca das emoções e o domínio da análise crítica, a partir dos desdobramentos da história observada em conjunto.

A maioria dos presentes, quando questionada sobre o tema do filme, respondeu que “fala das emoções” e citaram momentos do filme para ilustrar emoções diversas sentidas por eles mesmos.

Nesse dia também foi apresentado o “termômetro das emoções” (Fotografia 1) e foi afixado na sede para que colocassem o seu nome junto à emoção que melhor as representasse no dia por meio de um pregador identificado. Elas tiveram a oportunidade de modificar a emoção, caso desejassem, ao final de cada encontro.

Das 9 crianças presentes, apenas uma criança incluiu seu nome junto à raiva no início do encontro dizendo “não sei o motivo, só tô com raiva” e ao final mudou para a alegria e uma das crianças mudou da alegria para a tristeza porque, nas palavras dela, “o encontro havia chegado ao fim”.

Para explorar a alegria e a tristeza foram apresentadas diversas cartas (Fotografia 2) desenvolvidas especificamente para este fim, com questionamentos acerca dessas duas emoções em conjunto com o jogo “jenga”, de modo que a cada peça tirada a criança escolhia uma carta e respondia uma pergunta.

Fotografia 1: Termômetro das emoções



Fonte: Gabriela Silva Santos (2022)

Fotografia 2: Cartas da alegria e tristeza



Fonte: Gabriela Silva Santos (2022)

No terceiro encontro foi explorada a raiva. Assim como no encontro anterior, o encontro teve início com cada criança inserindo o seu nome ao lado da emoção que mais a dominasse aquele dia. As 14 crianças estavam presentes, 12 disseram sentir alegria e 2, tristeza.

Quando provocadas se gostariam de relatar os acontecimentos que as fizeram sentir assim, disseram as seguintes razões para alegria: “estou viva”, “tenho comida”, “estou perto de você, tia” e tristeza porque “o final de semana está chegando e tenho que ficar em casa”.

Ainda nesta oportunidade, as crianças confeccionaram um vulcão em erupção (Fotografia 3) com argila, bicarbonato de sódio e vinagre para ilustrar o que acontece no nosso corpo quando sentimos raiva. Também foi apresentada a “caixa da raiva” (Fotografia 4) que consistia em uma caixa à disposição delas para que, sempre que sentisse raiva pudessem escrever ou desenhar a situação e inserir no compartimento, a fim de se acalmar e deter o controle da emoção.

Fotografia 3: Vulcão da raiva



Fonte: Gabriela Silva Santos (2022)

Fotografia 4: Caixa da raiva



Fonte: Gabriela Silva Santos (2022)



Nessa ocasião, as crianças compartilharam situações que sentiram raiva. Por exemplo, uma das crianças disse: “um colega de escola me bateu”, mas não demonstraram ser a emoção predominante, apesar de relatarem ocasiões de descontrole quando se sentem injustiçadas, ocupando a tristeza espaço de maior destaque na vida delas.

Ao final foram apresentadas duas técnicas para enfrentamento da raiva ou qualquer emoção que possa acarretar prejuízos: o “abraço borboleta” da Terapia EMDR - *Eye Movement Dessensitization and Reprocessing* e a respiração diafragmática utilizada na TCC - Terapia Cognitivo Comportamental.

A extensão da pesquisa não permite fornecer um relato detalhado das observações. No entanto, algumas situações merecem maior destaque e algumas considerações foram apuradas.

A situação de vulnerabilidade socioeconômica na qual as crianças estão inseridas acarreta vivências extremamente difíceis de lidar, principalmente para seres humanos com o desenvolvimento cognitivo ainda em formação.

Os acontecimentos tristes relatados são graves, como, por exemplo, agressão física e verbal entre os familiares e a relação com a morte. Uma criança relatou que ficou muito triste um dia porque, nas palavras literais delas, “minha mãe pegou um facão para enfiar na minha tia, aí eu me escondi no quarto porque achei que ela fosse matar minha tia e eu não queria ver”, “uma colega ameaçou me bater e me matar” e “me afoguei no rio e quase morro”.

A escuta ativa dos mediadores e a abertura para livre expressão das crianças é primordial para o enfrentamento das emoções, pois “quando conseguimos atribuir palavras a nossas experiências assustadoras e dolorosas - quando fazemos as pazes com elas -, frequentemente se tornam muito menos assustadoras e dolorosas” (SIEGEL; BRYSON, 2015, p. 62).

Assim, ao contar esses eventos tristes, cada uma das crianças pôde “começar a entender o que estava sentindo em relação a suas emoções e seu corpo” (SIEGEL; BRYSON, 2015, p. 59), tanto que ao final da atividade uma delas disse “depois eu fiquei alegre porque nada de ruim aconteceu” e perguntou o que podia fazer quando se sentisse triste, demonstrando interesse no aprendizado.

Uma criança chamou atenção em relação ao domínio das próprias emoções. Ela conseguiu dizer exatamente o que sentia no corpo quando vivenciava cada emoção e o que fazia em cada ocasião, tomando decisões assertivas. As professoras confirmaram o seu bom relacionamento com elas e com os colegas, além do bom desempenho escolar, ainda que frequentemente lide com o *bullying*.





Todas as crianças disseram gostar de frequentar a Associação e da convivência entre os colegas e professores, ainda que ocasionalmente ocorram alguns atritos. A Associação funciona como um local de conforto e apoio que, muitas vezes, não encontram com a família, tanto que uma delas estava se sentindo triste porque o final de semana estava se aproximando e teria que ficar em casa.

É verdade que “crianças menores evidentemente precisarão de ajuda, mas certamente são capazes de entender que sentimentos vêm e vão. Quanto mais compreenderem essa ideia, (...) mais serão capazes de viver a vida e tomar decisões” (SIEGEL; BRYSON, 2015, p. 151).

Essa tese é verdadeira e ainda que 60% crianças tenham apresentado maior dificuldade em relatar momentos de alegria devido ao reconhecimento da realidade na qual estão inseridas, após algumas provocações, elas verbalizaram situações cotidianas como “quando tem bolo no café da manhã”, “quando eu jogo futebol”, “quando eu ganho dinheiro pra comprar pipoca” e “quando eu tiro nota boa na escola”, demonstrando perceber que, mesmo em meio à tristeza, os momentos felizes existem, sendo esse por si só um sinal de empoderamento.

As crianças dessa pesquisa evidenciam que o conhecimento acerca das emoções direciona ao processo empoderamento.

Empoderar-se não significa negar a realidade que estão inseridas, mas sim compreender que a desigualdade existe e muitas adversidades são enfrentadas cotidianamente. No mesmo sentido, saber que as emoções são transitórias permite criar esperança de mudanças que só serão possíveis através da luta.

Tal qualidade é fundamental, pois uma vez conscientes “das injustiças de que padecem passam a lutar para aumentar sua auto-estima, autoconfiança, participação nas decisões que afetam suas vidas e sua independência econômica” (HOROCHOVSKI, 2006, p. 9).

Assim, vivenciar o processo de maneira individual oferece ferramentas para reconhecer aqueles que sofrem opressões semelhantes. Por meio da mobilização conjunta é possível reivindicar políticas do Estado que lhes assegure uma vida mais digna.

É primordial ressaltar que o empoderamento em grupo não é determinado pelo executor do projeto de educação emocional, ele é vivenciado pelos próprios sujeitos e a intervenção apenas oferece recursos de apoio emocional, material, cognitivo/informacional, manutenção da identidade social e mediação de contatos sociais (STARK, 2006 citado por KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p. 739).



Esses aspectos são fundamentais para obtenção de resultados através do processo de empoderamento das crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica, a fim de que sejam formados sujeitos autônomos, críticos, assertivos e emocionalmente estáveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica são submetidos a inúmeras situações de risco. Nesse contexto, as crianças sofrem prejuízos no desenvolvimento psicológico e social.

Frente a isso, saber identificar as emoções e enfrentar as adversidades da vida se torna crucial para o processo de empoderamento do sujeito enquanto ser individual e coletivo, fazendo surgir a demanda do projeto intitulado “Habilidades para a vida”, com foco na apresentação das emoções e técnicas de enfrentamento, com quatorze crianças de sete a onze anos na Associação Casinha da Criança Menino Jesus, no município de Una, estado da Bahia.

A partir da análises dos dados obtidos através da observação das quatorze crianças, objetos de pesquisa, foi possível verificar como as crianças reagem diante das emoções e como a maior compreensão acerca das próprias emoções acarreta comportamentos funcionais e atitudes assertivas e, uma vez conscientes da desigualdade latente, ganham voz e podem se unir coletivamente para cobrar do Estado os direitos que lhes foram negados.

No que diz respeito à alegria e à tristeza, apesar de inicialmente 60% das crianças terem apresentado dificuldade de narrar fatos que lhes acarretam alegria, puderam ser ouvidas com atenção e assim entender o que sentiram, como o corpo reagiu e o que fizeram diante da circunstância, seja ela boa ou ruim, tornando gradativamente a situação, muitas vezes traumática, mais amena e favorecendo a tomada de decisões futura.

Quanto à raiva, foi possível observar que não é a emoção predominante entre essas crianças, ainda que tenham compartilhado situações de descontrole emocional, tendo sido relatados mais eventos de tristeza.

Portanto, na pesquisa foi possível compreender que a educação emocional contribui para o processo de empoderamento de crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Essa intervenção fornece ferramentas para a vivência individual desse processo que possibilita a identificação das pessoas ao redor que se encontram em circunstância semelhante, favorecendo a mobilização popular, sendo esse o caminho para a obtenção de resultados concretos do processo de empoderamento.



Por fim, Freire (2019, p. 56) despertou uma reflexão importante que se aplica ao contexto desse estudo: “se, porém, a prática da educação implica o poder político e os oprimidos não o têm, como então realizar a pedagogia do oprimido antes da revolução?”

Como foi possível perceber, o trabalho inaugura um novo campo de estudo, então há ainda muito mais perguntas do que respostas, favorecendo a continuidade com possibilidades de aprofundamento diante da complexidade do tema.

## REFERÊNCIAS

BERTH, J. Empoderamento. São Paulo: **Polén**, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: **Paz & Terra**, 2019.

CANÇADO, T. C. L.; SOUZA, R. S. de; CARDOSO, C. B. da S. Trabalhando o conceito de vulnerabilidade social. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 19, 2014. **Anais...** São Pedro: Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <[http://www.abep.org.br/~abeporgb/abep.info/files/trabalhos/trabalho\\_completo/TC-10-45-499-410.pdf](http://www.abep.org.br/~abeporgb/abep.info/files/trabalhos/trabalho_completo/TC-10-45-499-410.pdf)>. Acesso em 14 de junho de 2022.

GOHN, M. da G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 23, maio - ago 2004, p. 20-31. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000200003>>. Acesso em 14 de junho de 2022.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: **Objetiva**, 2011. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4133507/mod\\_resource/content/2/Inteligencia-emocional-Daniel-Goleman.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4133507/mod_resource/content/2/Inteligencia-emocional-Daniel-Goleman.pdf)>. Acesso em 13 de junho de 2022.

HOROCHOVSKI, R. R. Empoderamento: definições e aplicações. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 30, 2006. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2006. Disponível em <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt18-22/3405-rhorochovski-emponderamento/file>> Acesso em 19 de junho de 2022.

IMDS. (2020). **Crianças e adolescentes: magnitude da pobreza e extrema pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IMDS, 2020. Disponível em <<https://imdsbrasil.org/criancas-e-adolescentes/magnitude-da-pobreza-e-extrema-pobreza-mon-etaria-no-brasil>>. Acesso em 14 de junho de 2022.

JANCZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n.2, ago./dez. 2012, p. 301-308. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/12173>>. Acesso em 14 de junho de 2022.

KLEBA, M. E., WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, São Paulo,



v.18, n.4, 2009, p. 733-743. Disponível em  
<<https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400016>>. Acesso em 20 de junho de 2022.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-UFS**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/pusf/a/FKG4fvfsYGHwtn8C9QnDM4n/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 14 de junho de 2022.

MINAYO, M. C. de. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MUYLART, C. J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 48 (Esp2), p. 198, 2014. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 13 de junho de 2022.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**. São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em:  
<[https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa\\_Qualitativa.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf)>. Acesso em 13 de junho de 2022.

POSSEBON, E. P. G.; POSSEBON, F. Descobrir o afeto: Uma Proposta de Educação Emocional na Escola. **Contexto & Educação**. Ijuí, ano 35, n. 110, p. 163-186, jan./abr. 2020. Disponível em:  
<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8925>>. Acesso em 14 de junho de 2022.